

# A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Director:

ALCINDO DIAS PEREIRA

VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia MINERVA VIMARANENSE: Rua 31 de Janeiro — GUIMARÃES

## Os nossos direitos

Com o anúncio da visita presidencial nasceu em toda a gente a esperança de que ia finalmente ser feita justiça a Guimarães.

Já não é sem tempo. A populosa e activa cidade, berço illustre da nossa querida Pátria tem sido sobejamente espesinhada e é tempo de pôr termo à interminável série de prejuizos com que vem sendo mimoseada.

Para nós é motivo de prazer, nesta hora de entusiasmo, que justiça nos seja feita.

E não são favores nem regalias especiais o que se pretende. Não. Guimarães não pediu até agora coisa alguma que não fôsse a restituição do que lhe tiraram que era muito seu e a que tem inquestionável direito. E tão sagrado reputamos esse direito que não podemos ocultar a nossa mágua, recordando que até para nos darem o que é nosso, é preciso pedir instantemente, como quem mendiga uma esmola.

Guimarães tem sabido elevar-se exclusivamente à custa do seu próprio esforço; Guimarães tem conquistado um lugar de relêvo no meio industrial do País sem qualquer auxílio oficial; Guimarães é um dos maiores factores contribuintes do tesouro público. E em lugar de lhe ser proporcionado o ensejo para mais e mais progredir, tem-lhe sido retirados importantes elementos, sem justificação alguma para tal.

O Regimento de Infantaria 20, há tantos e tantos anos aquartelado em Guimarães era uma briosa unidade que em Africa soube sempre glorificar Portugal e nos campos de França lutou com relevante heroicidade.

A sua bandeira está justamente coroada de loiros e foi regada com o sangue generoso dos filhos de Guimarães.

E' nossa, é muito nossa, como nosso é esse bravo regimento.

Queremo-lo, porque os soldados que o compunham são nossos irmãos e é vimaranense o sangue que gira nas suas veias.

O distrito de recrutamento e reserva n.º 20 compõe-se de florescentes concelhos de grande riqueza e rara actividade, que tem jus a ser considerados.

O nosso Liceu Martins Sarmiento está dotado com um belo edificio e excelente material didático. E' distintissimo, sabedor e competente o seu corpo docente. E', foi sempre grande, dos maiores em Liceus de cidades sem universidades, a frequência escolar, que justifica amplamente a existência do curso complementar de sciências e letras.

Levaram-nos sem comiserção estas três fontes de riqueza regional; de nada valendo a afirmação do nosso prejuizo, sem qualquer compensação de resultado útil geral.

Que queremos pois?

Que deve reclamar Guimarães?

Aquilo que é seu e que lhe foi injustamente tirado.

Queremos justiça, reconhecimento nos nossos direitos, na restituição do nosso glorioso regimento, do distrito de recrutamento e do restabelecimento dos cursos complementares do nosso Liceu.

## A mentira

Certos inimigos do Partido Democrático, a que temos a honra de pertencer, têm dito e continuam a dizer que vários elementos de preponderância abandonaram este Partido. Afim de justificarem este rebato falso, os nossos inimigos inventam os mais ridiculos e mais baixos pretextos, nos quais procuram apoiar a mentira de que são autores. O Partido Democrático — principal esteio da República — continua verdadeiramente unido e disciplinado e com um efectivo superior ao que tinha anteriormente ao 28 de Maio de 1926, como facilmente pode provar-se. Vítima de perseguições mesquinhas e das mais repugnantes calúnias, este Partido tem sabido manter-se de tal forma que nem umas nem outras o têm prejudicado, continuando a ser o Partido forte e disciplinado da República. Inimigo da hipocrisia e do jesuitismo *disfarçado*, onde encontra os seus principais inimigos e caluniadores, êle tem uma orientação única — que é a de bem servir a Pátria e a República. Na hora actual — hora de sacrificio para uns e de gáudio para outros — o Partido Democrático deseja apenas que todos os bons republicanos ponham de parte as Bandeiras partidárias, a fim de cooperarem na obra que tem por fim prestigiar o regime republicano e engrandecer o nome do nosso País, sagrado dever que, mais do que nunca, se nos impõe! Precisamos de colocar acima de tudo, até mesmo de interesses pessoais, a defesa dos nossos princípios e da nossa dignidade, muitas vezes ofendidas pela cegueira de uns e pela cobardia de outros. Esperemos com calma e serenidade a hora de Justiça que nos há-de ser feita por aqueles que hoje nos accusam de maus republicanos e que procuram amesquinhar e destruir as nossas boas intenções. Saibamos, pois, resistir para vencer e para provarmos aos nossos inimigos que Portugal é republicano! Sejámos, os bons republicanos, um por todos e todos por um, e assim dignificaremos o nosso ideal e igualmente o nome daqueles que já morreram com a consolação de terem servido lealmente a Pátria e a República.

## Justino da Mota Ribeiro

De passagem nesta cidade e acompanhado de sua Ex.<sup>ma</sup> esposa, deu-nos a honra da sua visita, este nosso presado amigo e dedicado republicano, antigo presidente da C. M. de Celorico de Basto.

## Os soldados da República Uma figura interessante

Tendo dado toda a sua fortuna à República, foi morrer pobre e só ao "Albergue dos Inválidos do Trabalho",

A República tem tido a servi-la dedicações admiráveis, que tantas vezes passam despercebidas e morrem sem que ninguém as conheça. Quantos homens obscuros se têm sacrificado por ela, sem que até hoje a simples lembrança desses sacrificios nos tenha comovido por um momento sequer! Outros há, porém, que a República tinha a obrigação de não esquecer, o dever indeclinável de amparar e que um dia desaparecem, mal se sabendo da sua existência e nem ao menos se dando pela sua morte.

Esta ingratidão — devemos dizê-lo francamente — não se admite. Bem sabemos que quem a serviu lealmente não se põe à espera de recompensa. Mas a verdade é que esta vai, em geral, para quem a serve mal, atraçando-a.

Estes 19 anos de existência do regime estão cheios de exemplos. Ao passo que a República encheu de benesses e de honrarias os seus adversários, aqueles que não só são incapazes dum sacrificio por ela, como a toda a hora a envergonham e insultam, quantos e quantos dos que a trazem no coração e por ela arriscaram e arriscam tudo se viram sempre espesinhados e corridos!

Poderíamos escrever aqui uma série larga de nomes de escoreçados, bastando-nos, porém, indicar os de Basilio Teles, Sampaio Bruno e Gomes Leal, como demonstração do que deixamos dito.

Vêm estas palavras a propósito de alguém que, tendo dado tudo quanto tinha à República, foi cair na maior miséria, indo morrer há pouco, desamparado de amigos, ao Albergue dos Inválidos do Trabalho.

Trata-se de João Augusto de Moraes. A grande massa republicana talvez o não conheça. Não se mostrou nunca, nunca procurou conquistar, como tantos falsos republicanos que todos nós conhecemos, as aclamações populares. Viveu sempre na sombra. E, no entanto, a República deve-lhe incalculáveis serviços.

Tendo nascido em 1851, foi em criança para o Brasil, donde regressou anos depois com uma fortuna avulhada naquele tempo em 30 contos fortes. Republicano desde muito novo, soube que se preparava a revolta de 31 de Janeiro e deu-lhe tudo o que podia dar-lhe: o seu entusiasmo, o seu esforço e todo o seu dinheiro. Vencidos os revoltosos, não se lamentou, nem hesitou um momento, recomeçando a sua vida de lutas e de trabalho. A ideia, regada com o primeiro sangue, germinou, criou raízes, alastrou. O sonho de alguns passou a ser a aspiração de muitos. João Augusto de Moraes não repousou um instante. Durante anos e anos deu tudo que ganhava para que a República vencesse, para que chegasse a toda a parte a propaganda do generoso apóstolo. Nunca a sua bolsa se fechou, nunca o seu entusiasmo esmoreceu.

Veio o 5 de Outubro de 1910. João Augusto de Moraes viu satisfeita a sua aspiração de tantos anos. E por bem pago se deu de todos os seus sacrificios. E quando era justo que apparecesse para que a República o visse — ele que a servira sempre tão dedicadamente — tanto mais que a velhice lhe batia à porta e o encontrava pobre e só, desapareceu para sempre, não reclamando os benefícios que os arrivistas e os videirinhos costumam exigir em altos gritos.

Pois morreu há poucos dias, sem nada de seu, ignorado e só, no Albergue dos Inválidos do Trabalho. Alguem quis ainda, ao saber da sua estada ali, chamar para êle a atenção dos republicanos. Opôs-se a isso. Estava bem; a República e os republicanos nada lhe deviam — cumprira apenas o dever, como patriota que sempre foi.

\* \* \*

João Augusto de Moraes tinha em João Chagas um grande amigo. O notável escritor, que conhecia o seu ardor de republicano, a sua lealdade e os seus serviços, quis mais duma vez premiar tanta dedicação. Não lho consentiu. Entre os papeis que lhe foram encontrados nas algibeiras quando morreu — e que constituíam todos os seus bens — figuravam, além dum retrato do seu amigo com uma dedicatória datada de 1894, a seguinte curiosa carta, em que o espirito de independência do grande jornalista se afirma brilhantemente:

Lisboa, 7 de Dezembro de 1895 — Meu caro Moraes — Escrevo-lhe para lhe dar notícias minhas, já que com a rapidez da minha partida não pude abraçá-lo. Cheguei bem de saúde e com uma certa esperança de dois ou três meses de tranquillidade. Esperança vã. Mal cheguei tive a surpresa de ver resurgir os meus processos do Porto.

Durante a minha ausência, o sargento Abilio, editor dos meus «Panfletos», foi julgado e condenado em 8 dias de cadeia e cento e tantos mil reis de multa, custas e selos, que eu vou pagar, para evitar que o pobre rapaz os pague na cadeia. Depois irei eu. E são oito processos. No Porto fazem-me a justiça de me continuarem a considerar vendido ao governo. E' o que comunicaram dali.

No próximo janeiro começarei a publicar os meus novos panfletos. Peço-lhe, como já lhe pedi af que se interesse por que eles se vendam. E' possível que eu me veja forçado a emigrar e neste caso, o Brasil, isto é, v. e outros amigos do Rio, poderiam prestar-me assim excelentes serviços. Com os meus correligionários daqui não tenho nada de comum. Estou dentro da ideia republicana como sempre, mas fora de partidos.

Já sabe que para o fim a que aludo pode entender-se com o Xavier e com o Mário Maia, 26, rua do Hospicio.

Repto: conto consigo. Aperta-lhe afectuosamente as mãos o seu — Correligionário e amigo obrigado — JOÃO CHAGAS — Arco da Bandeira, 173, 3.º, Esq.

(De «O Povo», de 14-2-1929).

**Carta de Braga**

(Retardado na Redacção).

12 de Fevereiro

Pelo visto, mestre Alexandre pediu a palavra, com o Fertusinhos ás costas, a vêr se conseguem esbarrandar o velho jornalista, dando-lhe no focinho (salvo seja) com a prosa *bifrontica* dum almoceve d'aldeia, registada sob o título — «Pelos Caldas das Taipas» num jornal desta cidade de 26 de Janeiro do ano corrente; e a que não respondi, nem queria responder por duas razões de muito peso para mim — sêr a lèria da carta e os tópicos enviados pelo Fertusinhos uma reverendíssima trêta do Alexandre; ou uma saída mal instrumentada do almoceve que ejaculou a *diarreja*; porque ninguém acredita que o ilustre director do tal periódico violasse qualquer carta (lá dentro era eu sómente o *violeiro*) e porque a arremetida dos honestíssimos palafreiros da tal gazêta não veio destruir nem sequer mordiscar no que tenho dito e redito dos snrs. Alexandre, Fertusinhos & C.ta, das Caldas das Taipas.

Continúa no mesmo lugar, portanto, e na categoria de canalhamôr, como de direito, o snr. Alexandre da Costa e Silva.

Não pode fugir donde está e onde se amarrou por sua livre vontade, apesar de têr dito e escrito várias vezes que se tem sacrificado em serviços e dinheiro, pelas Taipas e pelos seus moleirinhos, a pedido dos seus amigos Fertusinhos, Serafim, Monteiro e outras individualidades conhecidas da linda povoação das Taipas.

Escreveu a carta incriminada. Confessou-o em público e razo. E' um facto incontestavel; fugindo a seguir com o rabo entre as pernas, vindo aqui a Braga assaltar-me, quando reparou que tinha pela frente o Tribunal de Guimarães, a pedir-lhe contas da infamia praticada.

Então o rapinoide da honra alheia não teve escrupulos; pediu a carta a que já me referi; dei-lha. Pediu-me depois outra a tomar a responsabilidade da primeira que escrevi (e que se não publicou), e, dei-lha também!

E porque verifiquei, acto contínuo que o Alexandre me ludibriou, e me dirigisse imediatamente, á vista da garotice, ao Ex.<sup>mo</sup> Snr. Dr. Alfredo Fernandes, a dar-lhe explicações destes factos, arredando de mim a responsabilidade dos actos do snr. Alexandre, procedi por ventura mal? Os inimigos do snr. Alexandre ganharam alguma coisa com esta *mêlgueira* minha? Para que me deram dinheiro portanto?

A *estrugada* que os snrs. Alexandre e Fertusinhos vieram trazer ao periódico bracarense, nada põe nem tira á minha questão.

Vieram adornar o meu andor, apesar do meu *bifrontismo* intellectual.

Eu sou, snr. Director de «A Velha Guarda» o que sempre fui. Cumpro o que digo dentro da minha profissão, não arredando pé, apesar de mil contrariedades sofridas, dos bons principios que norteiam a função dum trabalhador de jornais.

Não sou nem nunca fui da Irmandade dos que em antes do «Chocolate Matias Lopes» rachavam penedos em tiras de papel de légua e meia, para reconduzirem depois do chocolate tomado, por outra estrada, por outra diretriz; chamando, ainda que por *caridade* nomes feios ao pobre lórpa, por ter caído na esparrela do Alexandre e do Fertusinhos na campanha das Taipas, e vir agora esclarecer os factos, pondo a descoberto as mazélas dos desordeiros das lindas têrmas.

Não sou dessa confraria. Venho, como vim, varrer a minha testada da carta dos «Ecos». A caravana que veio ao jornal

**Pão caro Decreto**

Como era de esperar, foi aumentado o preço do pão. E' a primeira e principal consequência dos *bons beneficios* dos indesejáveis *regatões*, que, senhores de tudo quanto querem, continuam a espalhar por toda a parte o negro manto da miséria, sem encontrarem á frente das suas ambições desenfreadas a *ordem de parar!* Parece que há a propósito de não incomodar tão desqualificadas criaturas, que, no nosso entender, são autores dum crime, e, como tais, merecem a pena devida. Protegê-los? Porquê? Poupá-los? Para quê? Não compreendemos, pois, a que atribuir o *cruzamento de braços* de quem deve tomar as providências necessárias. A fome, como já o dissemos, vai penetrando em muitos lares, e só quem não tenha coração poderá assistir a este triste e comovente espectáculo — a luta de uns, provocada pela fome, contra a desmedida ambição de outros, os *regatões*, provocada pela sua estúpida e condenável ganância. Em face disto o que fazer? Pedir-lhes contas dos seus actos e metê-los na cadeia. Contemporizar com eles é também um crime.

**Grupo «Estrela Braçarense»**

Como tínhamos anunciado, realizou este grupo, no passado domingo, no Teatro Gil Vicente, um espectáculo que decorreu muito animado.

O programa agradou-nos, principalmente nas variedades, havendo alguns numeros que arrancaram á assistencia prolongadas salvas de palmas.

Destacamos o trabalho da Snr.<sup>a</sup> D. E. Braga que se nos mostrou uma distinta amadora na arte teatral.

Outros houve, cujos nomes não sabemos, e que se collocaram á altura dos seus papeis.

A opereta «Irene» também agradou, sendo muito applaudidos os seus interpretes.

A orquestra boa.

**Quem avisa...**

Consta-me que certo *rafeiro* continua a ter a pretensão de salpicar o fato de M. de M. com a sua nojenta baba. Como curiosidade, apresentarei brevemente a descrição completa do *baboso bueldog*, acaso não deixe de abusar da paciência de quem tem o respeito devido pelos animais...

Pipi.

de Braga, perdeu o tempo e o latim, se é que veio; como não veio carta nenhuma no fim de 1927, como latiu o Alexandre.

Este diabo enrodilha tudo e todos. Todos não, porque á semelhança dos proprietários marginaes do Ave que lhe malograram os vis intentos, o mesmo lhe vai succeder comigo que o hei-de amar com o Fertusinhos, ao pelourinho dos criminosos, para que todos os desprezem ou lhes cuspem; se o engulho dos seus frontespícios não afugentar os curiosos!...

Theotónio Gonçalves.

Este número foi visado pela Comissão de Censura

O «Diário do Governo», 1.<sup>a</sup> série, de 25 do corrente, publica o seguinte Decreto, pela pasta da Instrução Pública: «Artigo 1.<sup>o</sup> — Os vencimentos dos serventes effectivos serão variáveis conforme a categoria das escolas. § único — Esses vencimentos serão iguais aos vencimentos dos serventes assalariados, fixados pelo Decreto n.<sup>o</sup> 13:349, de 26 de Março de 1927, aumentados de 50 p. c. Artigo 2.<sup>o</sup> — Fica revogada a legislação em contrário.»

Os vencimentos a que se refere o citado Decreto n.<sup>o</sup> 13:349, são os seguintes:

Em localidades de 1. <sup>a</sup> categoria	240\$00
Idem de 2. <sup>a</sup>	180\$00
Idem de 3. <sup>a</sup>	120\$00

**Dr. Mariano Felgueiras**

Ainda o seu aniversário natalicio

Pelos funcionários da secretaria municipal foi endereçado a S. Ex.<sup>a</sup> a seguinte saudação:

«Os abaixo assinados, não tendo conhecimento do telegrama enviado a V. Ex.<sup>a</sup>, por ocasião do 45.<sup>o</sup> aniversário, veem por este meio remediar tal falta, embora involuntária, enviando-lhe as mais efusivas felicitações e melhores desejos dum próximo regresso para engrandecimento da nossa querida terra e prestigio da República. — Guimarães, 10 de Fevereiro de 1929.

(aa) Américo da Costa Gouveia Ramos, José Alves Teixeira Leitão, António Pereira de Sousa, Luis Rodrigo Graça, Alberto Ribeiro de Araujo Faria, Abilio Fernandes Guimarães, João Antonio Ramos e Armindo Pereira Mendes Guimarães.»

Em agradecimento, enviou Sua Ex.<sup>a</sup> a seguinte carta:

«Ex.<sup>mo</sup> Snr. Américo da Costa Gouveia Ramos — Guimarães — Muito sensibilizado pelas felicitações e palavras em extremo lisongeiras que V. Ex.<sup>a</sup>, juntamente com outros seus colegas, me dirigiu, venho agradecer-las, penhoradissimo, pedindo aceite, e transmita aos restantes sinatários, o protesto muito sincero da minha gratidão e da minha fé inabalavel no triunfo da Republica para bem da nossa querida Patria.

Assegurando a todos a minha muita estima, desejo-lhes, cordalmente, — Saúde e Fraternidade. — Paris, 21 de Fevereiro de 1929. — (a) Mariano da Rocha Felgueiras.»

**Proeza de 3 «scouts católicos»**

Vagos, 21 de Fevereiro — No dia 27 de Janeiro findo, quando Ana de Jesus, de 24 anos de idade, filha de Manuel dos Santos e de Rosaria de Jesus, do lugar das Vergas, deste concelho, procurava receber a importancia dum boi que lhe havia morrido e que estava inscrito na Sociedade dos bois de Calvão, também deste concelho, foi barbaramente espancada pelos membros da mencionada sociedade, Joaquim, Paulo e Eugénio Frade «scouts católicos» naquela localidade.

A desventurada rapariga apanhou tanta bordoadas que, ao ser tirada das mãos dos malfetores, havia perdido o juizo ainda não recuperando o uso da razão.

Dada sómente agora a participação foi-lhe hoje feito exame directo, apresentando ainda, embora decorresse quasi um mez, pisaduras pelo corpo. — (C.)

De «O Primeiro de Janeiro»

Isto vai sem comentarios.

**José Martins da Rocha Doentes**

Fez anos no passado dia 28 de Fevereiro este nosso querido amigo, irmão dos nossos amigos Dr. Jerónimo Rocha e Agostinho Rocha, e que desde 1915 vive no Rio de Janeiro.

E' bem conhecida ainda a acção republicana que José Rocha exerceu em Guimarães nos passados tempos da propaganda revolucionária. Era um republicano cheio de idealismo e de mais alta sinceridade. Amava a República com entusiasmo e por ela lutou e sofreu desgostos.

Deixou numerosos amigos nesta terra que é sua, e que sempre o recordam com viva saudade e hoje, ausente da sua Patria que estremece, vive rodeado dos carinhos de sua Esposa e filhos, entregue ao seu trabalho digno e honesto, como sócio duma importante casa comercial no Rio de Janeiro.

Nesta hora triste, felicitamos e é nosso dever recordar e saudar o nosso amigo José Rocha, certos de que na sua alma vive cada vez mais radicada a ideia da Republica e que o seu coração guarda a mesma fé republicana de outros tempos!...

**Tenente Guedes Gomes**

Fixou residencia nesta cidade, onde conta inumeros amigos e correligionários, este nosso predadissimo amigo e indefectível republicano, um dos bravos soldados da Flandres e que, após o seu julgamento por implicado no movimento militar de Fevereiro de 1927, havia sido desterrado para Lamego.

Cumprimentamo-lo efusivamente.

**A propósito da escandalosa saída do milho**

**Exemplo a seguir**

A Comissão Administrativa da Camata Municipal de Cabeceiras de Basto apresentou ao snr. Governador Civil do Distrito um edital, rogando a sua aprovação, e no qual se proíbe o transito de milho para fóra da atea do respectivo concelho.

Esta medida tem em vista evitar a escassês daquele cereal na região de Basto, em virtude da maior parte da colheita ultima ter sido vendida para fóra do referido concelho e outros limitrofes. O preço actual do milho é ali já muito elevado, sendo de prevêr que ainda mais encareça na hipotese de se não applicarem medidas proibitivas da exportação.

Aqui está uma medida digna de ser urgentemente imitada pela Camata de Guimarães para se evitarem terriveis consequencias...

**Sarau de Arte**

Consta-nos que no principio de Abril próximo, nos visitará o distinto Orfeão da risonha e próspera vila de Fafe, realizando nessa ocasião um brilhante sarau de arte no Teatro D. Afonso Henriques, que será dedicado á simpática e florescente Associação dos Empregados do Comércio.

**Dinheiro**

Empresta-se sobre 1.<sup>a</sup> hipoteca ou prédios rústicos, informa: Rua 31 de Janeiro 183 — Guimarães.

Rua Duque de Palmela 190 — Porto.

Guardou o leito durante alguns dias com um forte ataque gripal, encontrando-se felicitemente restabelecido, o nosso presado amigo e indefectível republicano dos tempos da propaganda, Snr. Antonio Barbosa de Abreu Guimarães, antigo veteador municipal e abastado proprietário.

— Em França, onde se encontra, guarda o leito com um ataque de gripe, a simpática menina Zilda Felgueiras, galante filhinha do nosso estremecido amigo e distinto correligionário Snr. Dr. Mariano Felgueiras, antigo parlamentar por este círculo e prestigioso presidente da Comissão Municipal do P. R. P. em Guimarães.

— Ha algumas semanas que se encontra gravemente enferma a mãe da dedicada esposa do nosso estimado amigo e presado correligionário Snr. Capitão Sousa Guerra.

— Continua enfermo, tendo experimentado algumas melhoras para os seus sofrimentos, o nosso bom amigo Snr. Francisco de Souza Machado, chefe da agencia da Caixa Geral de Depositos, nesta cidade.

— Encontra-se em vias de restabelecimento da grave doença que durante meses o reteve no leito, o nosso presado amigo e laureado académico Snr. Francisco de Gusmão Fraga.

**A's Senhoras!...**

Meias baratas, só na «Casa das Gravatas»

**lutuosa**

Após prolongados e dolorosos sofrimentos, faleceu ha dias o snr. José Martinho Fernandes, proprietário da padaria das Trinas. A sua morte foi muito sentida pela classe pobre, pois sempre encontrava nele um desvelado protector.

Os seus funerais, realizados na parochial da Oliveira, estiveram largamente concorridos por pessoas de todas as classes.

A' familia em luto, o nosso sentido pesar.

— Faleceu na passada quinta-feira, após dolorosos padecimentos, o nosso amigo snr. Antonio José da Silva Ferreira, antigo solicitador encartado, nesta comarca.

Os seus funerais realizaram-se hontem, sendo largamente concorridos.

A' familia enlutada o nosso profundo pesar.

— Embora muito tardiamente, apresentamos os nossos sentidos pesames pelo falecimento de sua Ex.<sup>ma</sup> mãe, Senhora D. Blandina Ferreira Pedrôsa, ao nosso presado amigo e distinto professor-director da Escola Académica, Snr. Manuel da Costa Pedrôsa.

**Aluga-se**

a Fábrica de Cortumes loja de Surradores com todas as suas pertenças.

Para tratar: Rua Trindade Coelho — N.<sup>o</sup> 100.

**Ferro T para ramadas.**

Arame alemão, garantido.

Não comprem sem confrontar preços na casa

**PEDRO DE MOURA**

Rua de D. João 1.<sup>o</sup>, 91,